



VOZES FEMININAS PLURILÍNGUES ATRAVESSANDO A FRONTEIRA VENEZUELA-BRASIL

FEMALE PLURILINGUAL VOICES CROSSING VENEZUELA-BRAZIL BORDER

DÉBORA SILVA BRITO DA LUZ

deboramest@gmail.com

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O objetivo do presente artigo é oportunizar, ainda que de forma sucinta, a duas mulheres venezuelanas contar suas experiências como imigrantes trabalhadoras na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, especialmente, no tocante a aspectos linguísticos, culturais e identitários. As informações foram coletadas por meio de entrevistas gravadas em áudio mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A intenção é de colaborar com a compreensão da realidade sociocultural e linguística vivenciada, sobretudo, por imigrantes da Venezuela em Boa Vista em decorrência do contato de falantes de línguas distintas. Inicialmente, devido ao preconceito sofrido diariamente, as entrevistadas estavam receosas em responder as nossas perguntas, mas logo se sentiram à vontade. Durante as entrevistas, elas alternavam entre o espanhol e o português, revelando grande fluência e competência comunicativa neste último, bem como marcas identitárias relacionadas ao uso de uma ou de ambas as línguas em contato.

Palavras-chave: Imigrantes; Mulheres; Línguas em contato.

Abstract: This article aims to give a brief summary of the experiences of two Venezuelan women as immigrant workers in the city of Boa Vista, capital of the state of Roraima, especially regarding linguistic, cultural and identity aspects. We collected information through interviews recorded in audio through the signing of the Informed Consent Term. The intention to collaborate with the understanding of the sociocultural and linguistic reality experienced, above all, by Venezuelan immigrants in Boa Vista due to the contact of speakers of different languages. Initially, due to the prejudice they suffer daily, the interviewees were afraid to answer our questions, but soon they felt at ease. During the interviews, they alternated Spanish and Portuguese language, revealing great fluency and communicative competence in second language, as well as identity marks related to the use of one or both of the languages in contact.

Keywords: Immigrants; Women; Languages in contact.

Situando o locus da pesquisa

[...] só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e perigosíssima viagem
de si a si mesmo[...]
(CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE, 2005, p 35)

Roraima é um estado brasileiro que, assim como o Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso,

Pará, Rondônia, Tocantins e parte do Maranhão, faz parte da chamada Amazônia Legal (MAGALHÃES, 2008). Além do Brasil, a Amazônia Internacional também abrange outros oito países: Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname. O mapa a seguir mostra a exposto:



Convém destacar que Roraima apresenta uma tríplice fronteira trilingue por ter como limites fronteiriços a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativa da Guiana. Devido à proximidade geográfica entre estes países, há um fluxo constante de pessoas que atravessam as

fronteiras com destino a Roraima por diversas motivações.

Roraima revela-se um espaço caracterizado pelo plurilinguismo tanto social quanto individual. Esclarecemos que empregamos o termo *plurilinguismo* para nos referir, com base em Savedra e Perez (2017, p. 3)⁴⁷, “a coexistência, contato e interação de duas ou mais línguas”.

Segundo Rodrigues (2006), em Boa Vista, “os *fronteiriços internacionais migrantes* podem ser encontrados no mercado de trabalho informal, nas ruas dos camelôs, na feira do produtor” (grifo da autora). Desde o ano de 2016, estamos testemunhando em Roraima um aumento considerável de imigrantes venezuelanos em virtude da situação político-econômica em que se encontra a Venezuela. Essas pessoas se dirigem, principalmente, para a capital, Boa Vista, onde buscam oportunidades de empregos como as citadas pela autora.

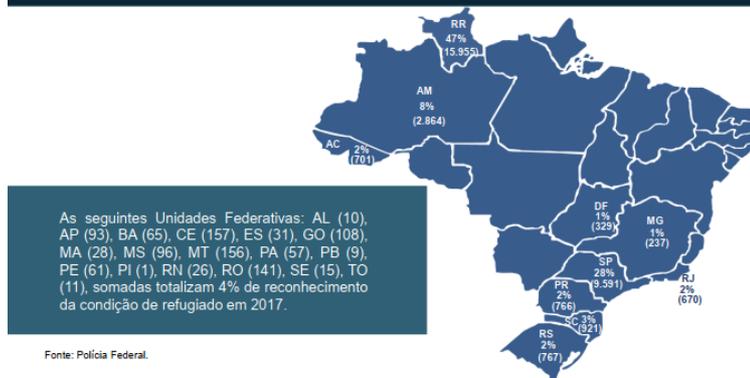
Em 2017, segundo dados da 3ª edição do relatório Refúgio em Números do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), 17.865 venezuelanos solicitaram reconhecimento da condição de refugiado no Brasil, dos quais 15.955 foram feitos em Roraima como se verifica nos gráficos que seguem:



⁴⁷ Os autores explicam que o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) – Aprendizagem, ensino, avaliação, publicado em 2001, “define como multilinguismo a coexistência ou conhecimento de diferentes línguas em uma dada sociedade, enquanto que o plurilinguismo, por sua vez, seria a competência comunicativa possuída pelo indivíduo em mais de um idioma” (SAVEDRA; PEREZ, 2017, p. 3). Todavia por entenderem ser arbitrária a escolha de multilinguismo para caracterizar um fenômeno social e plurilinguismo um fenômeno individual, adotam os conceitos de plurilinguismo social e plurilinguismo individual.

Fonte: Refúgio em Números – 3ª edição (2018), Comitê Nacional para os Refugiados (Conare).

SOLICITAÇÕES DE RECONHECIMENTO DA CONDIÇÃO DE REFUGIADO POR UNIDADE FEDERATIVA EM 2017



Fonte: Refúgio em Números – 3ª edição (2018), Comitê Nacional para os Refugiados (Conare).

Assim, diariamente, um número exponencial de pessoas desloca-se de diferentes regiões da Venezuela em direção à fronteira com o Brasil. As cidades-gêmeas Santa Elena de Uairén (Venezuela) e Pacaraima (Brasil) são as primeiras a perceber o impacto da chegada destes imigrantes. Entretanto o objetivo principal, como já dissemos, é chegar a Boa Vista. A distância entre Pacaraima e a capital é de, aproximadamente, 214 km.

Devido à carência, muitos imigrantes fazem o percurso a pé, levando vários dias até alcançar o destino. A quantidade de dias varia de acordo com as famílias, visto que alguns migram sozinhos outros trazem alguns familiares e seus pertences.

Em Boa Vista, essas pessoas buscam, sobretudo, um trabalho para que possam ter uma renda com a qual seja possível conseguir um lugar para morar, se alimentar, se vestir, estudar entre outras ações e atividades básicas do cotidiano.

Neste cenário, as mulheres se destacam por representarem, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), um grupo considerado vulnerável em contextos de migração, além de serem o estio da família.

O fluxo migratório para Roraima tem chamado a atenção da imprensa, de tal modo que vem recebendo destaque na mídia local e nacional. A título de exemplo, citamos algumas reportagens publicadas e disponíveis *online*:



- “Guerra Civil - Centenas de pessoas cruzam a pé fronteira da Venezuela com Roraima”⁴⁸, Diário da Mídia de 19 de dezembro de 2016.
- “Ao renunciar, vice-governador de RR compara venezuelanos a zumbis: 'ruas lembram The Walking Dead'”⁴⁹, G1 RR de 26 de janeiro de 2018.
- Maratona a pé e casas sem móveis divididas por até 31 pessoas: a rotina dos venezuelanos em Roraima”⁵⁰, G1 RR de 05 de fevereiro de 2018;
- “Moradores protestam contra instalação de casa para imigrantes em RR e bloqueiam tráfego na fronteira com a Venezuela”⁵¹, G1 RR de 20 de março de 2018;
- “Manifestantes invadem abrigo e queimam pertences de venezuelanos em Roraima”⁵², EBC Agência Brasil de 20 de março de 2018.
- “Venezuelanos com fome atravessam fronteiras”⁵³, O São Paulo de 2 de abril de 2018.

Vozes migrantes, rompendo a fronteira do silêncio...

[...] situações de silêncio.
Ele não existe em si, mas é fruto dessas relações e fala delas.
(FERRARI; MARQUES, 2011, p. 20)

Quando as mulheres venezuelanas chegam ao mercado de trabalho na cidade de Boa Vista, muitos são os desafios, dentre eles a língua portuguesa que constitui o meio principal para a realização das práticas comunicativas entre os sujeitos que interagem em estabelecimentos comerciais. Desta forma, para que possam se comunicar de maneira mais eficaz nas atividades laborais, faz-se necessário conhecer os aspectos, sobretudo, comunicativos da Língua Portuguesa.

Esta nova realidade complexa e problemática vem chamando muito a nossa atenção, em especial, enquanto profissionais e pesquisadoras da área da linguagem, por este motivo decidimos

⁴⁸ Disponível em: <http://diariodamidia.com.br/noticias/internacional/guerra-civil-centenas-de-pessoas-cruzam-a-pe-fronteira-da-venezuela-com-roraima-7304>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/ao-renunciar-vice-governador-de-rr-compara-venezuelanos-a-zumbis-ruas-lembram-the-walking-dead.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁵⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/maratona-a-pe-e-casas-sem-moveis-divididas-por-ate-31-pessoas-a-rotina-dos-venezuelanos-em-roraima.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁵¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/moradores-protestam-contrainstalacao-de-casa-para-imigrantes-em-rr-e-bloqueiam-trafego-na-fronteira-com-a-venezuela.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁵² Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2018-03/manifestantes-invadem-abrigo-de-venezuelanos-em-roraima-e-queimam-seus>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁵³ Disponível em: <http://www.osaopaulo.org.br/noticias/venezuelanos-com-fome-atravessam-fronteiras>. Acesso em: 02 abr. 2018.



realizar esta pesquisa objetivando questionar a essas mulheres trabalhadoras venezuelanas como aprenderam ou estão aprendendo a língua portuguesa e como é viver em outro país, considerando a convivência com uma cultura e uma língua diferente da sua.

As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas (NUNAN, 1992) e analisadas numa perspectiva sociocultural e identitária. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e devidamente autorizadas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com o intuito de resguardar a identificação das entrevistadas seus nomes foram trocados neste artigo.

Optamos pela realização de entrevistas, pois estas promovem reflexões e discussões conjuntas entre entrevistados e entrevistadores o que propicia “reconstruções de sentidos, a emergência de narrativas de vida e a performance de identidades sociais” (ROLLEMBERG, 2013, p. 42).

Conversamos com duas mulheres venezuelanas que, desde 2016, estão vivendo em Boa Vista e trabalhando em estabelecimentos comerciais na mesma cidade. Escolhemos as participantes empregadas em lugares que costumamos frequentar e que, de certa forma, nos inspiraram a fazer este artigo.

As conversas foram realizadas nos próprios ambientes de trabalho de maneira informal a partir de algumas questões previamente elaboradas que possibilitaram outras indagações dependendo, também, do encaminhamento dos diálogos.

Nossa primeira entrevistada, a quem chamaremos de Ana, é advogada, vivia na Ilha de Margarita, tendo, no momento da entrevista, 38 anos de idade e cerca de 5 meses que estava em Boa Vista, juntamente com o companheiro e uma filha de 1 ano e 10 meses. Sua decisão de migrar para Boa Vista foi motivada pela situação econômica da Venezuela e pela dificuldade de conseguir emprego, remédios, comida.

Ana nos explicou que seu companheiro veio antes para encontrar um trabalho e lugar para viverem. Uma das primeiras atividades que fez ao chegar foi ir ao supermercado, onde chorou muito ao lembrar que na Venezuela sua família não tinha nada. Neste momento da entrevista, Ana começou a chorar, pois é “*difícil saber que tu llegas aquí y consigues todo, todo*”, enquanto que na Venezuela, muitas vezes, as pessoas não têm o que comer, permanecendo em longas filas durante horas para conseguir comprar algo.

Logo quando chegou, Ana conseguiu trabalho em uma cafeteria durante o dia e, à noite, ajuda na cozinha do restaurante no qual seu companheiro é garçom. Ela declarou que está gostando “*mucho*” do trabalho, mas está sendo difícil aprender o português que é um “*poquito más complicado que el español*”, citou a questão de palavras parecidas na escrita e na fala, porém com significados diferentes,

os denominados heterossemânticos, como exemplificado no quadro a seguir:

Espanhol	Português
Cadera	Costas
Basura	Lixo
Escoba	Vassoura

Ana destacou que está aprendendo o idioma português no dia a dia “*todo lo aprendí acá*” com os clientes, os companheiros de profissão e quando não entende algo pede para a pessoa repetir, falar mais devagar ou recorre à colega de trabalho.

Em casa, ela utiliza a língua espanhola, assim como quando conversa com a família que permaneceu na Venezuela, contudo é comum falar alguma palavra ou expressão em português.

Ana está com visto de residência temporária como imigrante, para que possa se locomover para outras partes do Brasil, principalmente, em busca de tratamento para a filha que possui alguns problemas de saúde, podendo, ainda, regressar à Venezuela quando queira, uma vez que lá ficaram seu pai, suas tias, seus sobrinhos, seus irmãos e uma filha de 15 anos que permaneceu com o pai (1º marido de Ana). Ana pretende trazer essa filha para junto de si quando estiver mais estável, com uma casa melhor e sem dívidas.

Algo de que ela sente falta é da comida do seu país, em especial, do tempero, por isso sempre que possível procura preparar sua comida “*al estilo venezolano*”. Relatou já ter vivenciado situações de preconceito, citando como exemplo o fato de a população brasileira local se referir aos venezuelanos por “*mira*”. Houve uma situação na qual um cliente a chamara utilizando “*mira*” e ela esclareceu: “*mi nombre no es mira, mi nombre es Ana*”.

O verbo “*mirar*” significa, segundo a Real Academia Española, “*dirigir la vista a un objeto*”, “*observar las acciones de alguien*”, “*tener en cuenta, atender*”, “*inquirir, buscar algo, informarse de ello*”, “*considerar un asunto y meditar antes de tomar una resolución*”, entre outros significados, sendo comumente observada nas práticas comunicativas dos venezuelanos, como função fática, de modo que a população local passou a utilizar “*mira*” para se referir a eles. Desta forma, muitos brasileiros generalizam os imigrantes venezuelanos por “*mira*” com o intuito de chamá-los no dia a dia, tendo, assim, função de vocativo. Esta é a razão de Ana corrigir.

Apesar das dificuldades, ela declarou que está gostando de viver em Boa Vista por ser “*muy tranquilo*”. Antes pensava em regressar à Venezuela, caso a situação melhorasse, mas, atualmente,

dependeria de vários fatores, pois caso esteja bem em Boa Vista não pretende voltar. Seu maior desejo é que toda sua família esteja bem e que consiga enviar-lhes dinheiro mensalmente.

A segunda participante chamaremos de María. À época da entrevista, estava com 37 anos de idade, sendo natural de Puerto Ordaz e formada em Segurança Industrializada Ocupacional. Ela está com visto de residência permanente e mora em uma casa alugada.

María migrou para Boa Vista há quase 2 anos pela situação da Venezuela que estava “*muito ruim*”. Ela realizou esta trajetória sozinha e, após se organizar, trouxe os três filhos, os pais, os sobrinhos e um irmão. María é a responsável pelo sustento de todos da família.

Inicialmente, ela trabalhou como manicure em um salão. Posteriormente, conseguiu um emprego em um bar, primeiramente, lavando louça, mas logo recebeu o convite para ser garçom e, agora, atua como secretária administrativa. Hoje, María tem três empregos: manicure em casa, secretária administrativa em um bar e atendente em uma cafeteria.

Declarou que ao chegar a Boa Vista, não falava português, aprendendo o idioma “*a los golpes*”. Ao passar a atuar como garçom, seu conhecimento da língua portuguesa foi se expandindo mediante a interação com os clientes e os colegas de trabalho.

Notamos que María acredita ainda não “saber” português. Ela afirma “*yo no sé português*”. Entretanto, pudemos constatar que ela utiliza os dois idiomas. Enquanto gravávamos a entrevista ela precisou dirigir-se a quatro pessoas diferentes: a um brasileiro que fazia entregas no estabelecimento em que trabalha; a outro brasileiro para dar instruções de armazenamento do material; a seu sobrinho para dar uma ordem referente a casa e a um imigrante cubano que lhe pediu orientações para colocar recarga no celular. Observamos que María falou em português com os brasileiros e em espanhol com os estrangeiros.

María comentou que procura falar sempre em português nas atividades laborais, mas em casa, assim como Ana, fala sua língua materna. Explicou que uma de suas maiores dificuldades linguísticas refere-se à pronúncia da letra R em português.

De acordo com Silva (2003), a letra R, pode ser produzida, na língua portuguesa, como:

- [X] fricativa velar desvozeada;
- [h] fricativa glotal desvozeada;
- [r̃] vibrante alveolar vozeada;
- [r] tepe alveolar vozeado em posição intervocálica como em arara.

Já em espanhol, a letra é sempre vibrante /r/ independente da posição em que se encontra na sílaba, como nos exemplos: “*pero*” (mas) e “*rojo*” (vermelho). Ou ainda, tepe alveolar vozeado, para

quando ocorrem RR, como em “perro” (cachorro).

Maria citou também como desafio comunicativo a assimilação de algumas palavras e expressões cujos significados diferem entre os idiomas em discussão, os heterossemânticos, tais como:

- Ônibus pequeno na Venezuela chama-se “*buceta*”, porém em português refere-se, pejorativamente, ao órgão sexual feminino.
- “*Exquisito*” em espanhol é utilizado para expressar, por exemplo, que uma comida está muito saborosa, já no Brasil “esquisito” remete a algo estranho, fora do normal.
- “Sinto sua falta” expressão utilizada no Brasil para indicar “saudade”, mas María entendia que estavam dizendo que ela havia faltado, ausentando-se do trabalho, por exemplo.

Na Venezuela, María passou por muitas necessidades, por isso se emocionou ao falar da situação dos imigrantes em Boa Vista que estão vivendo na rua, desempregados, não tendo, por diversas vezes, nada para comer. Sempre que pode ajuda a essas pessoas, dando “*lo que tenemos en la mano*”.

Declarou que está gostando de viver em Boa Vista, gosta das festas, das músicas e das comidas locais citando: farofa, cuscuz, tapioca, fava, brigadeiro, bolo de carimã, cupuaçu, açaí. A única coisa de que não gosta é do calor.

Quando questionada se com a melhora da situação na Venezuela pretendia voltar a morar lá, rapidamente respondeu: “*no!*”. Explicou que em Boa Vista tem algo que não troca por nada: “*tranquilidad y paz, puede ser que eu tenha que trabajar mucho para poder vivir bien, pero tu no andas preocupado ¿Qué voy a comer amanhã? ¿Qué voy a dar a mis hijos de comer?*”. Além do mais, está satisfeita com a educação que seus filhos estão recebendo na escola pública, bem como com a assistência médica na cidade.

Estas afirmações nos levam a perceber que a imigração implica mudança de moradia, de trabalho, de práticas sociais, de sonhos e de perspectivas. Segundo Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 40), muitas pessoas se adaptam em outros lugares de modo que “fica difícil voltar, mesmo reconhecendo vantagens da vida de antes”. Ainda de acordo com as autoras, surgem outras necessidades como a adaptação ao local, ao tipo de moradia, à espécie de trabalho, aos modos de convivência familiar, às tradições religiosas e à alimentação, levando à reconstrução de valores.

Deste modo, percebemos como os processos migratórios são ricos em significados culturais, pois cada experiência é única, pode até ser dividida, uma vez que grande parte das pessoas que migram têm histórias semelhantes, por isso cada imigrante vai contar sobre a sua migração e, ao



mesmo tempo, da migração de outros porque usa uma linguagem construída conjuntamente com outros.

María declarou que já sofreu e vivenciou situações de preconceito motivado pela nacionalidade venezuelana, como um assalto a um carro em que todos explanavam que só podia ter sido um venezuelano enquanto que na realidade havia sido um brasileiro que praticara o crime.

Ela explanou saber que há aqueles compatriotas que estão praticando crimes na cidade, todavia salientou que quando um país está em crise não emigram apenas aqueles que querem uma vida melhor, “*que quiere hacer raíces, simiente (...) emigra todo tipo de gente*” e não apenas venezuelanos, “*aquí hay de todo, cubano, dominicano, colombiano*”. María está satisfeita com suas conquistas no novo espaço que escolheu para viver. Seus desejos atuais são fazer faculdade de enfermagem e a melhora conjuntural de seu país.

No título desse tópico utilizamos o sinal de reticências para expressar que as fronteiras que essas e outras mulheres imigrantes venezuelanas precisam ultrapassar diariamente são de naturezas diversas: linguísticas, sociais, culturais, econômicas, políticas, identitárias. Além, é claro, do medo de falar e sofrerem hostilidades.

3 Entrelaçando vozes, memórias e identidades femininas...

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza (IANNI, 2000, p. 13).

Que leituras são possíveis a partir das falas de Ana e María? Que significados elas produzem em relação à Venezuela e ao Brasil? Como elas se identificam? Como são identificadas? Como desejam ser reconhecidas?

As vozes aqui apresentadas são de duas mulheres que lutaram (e ainda lutam) por melhores condições de vida para si e seus familiares. Ao garimpar suas memórias, deparamo-nos com a mistura de passado e de presente. Montenegro (2010, p. 40) defende a ideia de que:

Passado e presente, memória e percepção instituem uma relação tensa em que se abrem ou não possibilidades de novas redes de significação. A representação do passado e do presente, como territórios de fronteiras configurados no tempo, torna-se ainda mais tênue quando compreendemos que o fio ou a ligação entre ambos se constitui no universo da ação. Ou seja, todo esse movimento constante e ininterrupto da memória, percepção, apreensão, interiorização, subjetivação é indissociável do agir, de uma forma de ser no mundo em que passado e presente desaparecem enquanto signos de realidades acabadas e distintas.

Bosi (1995, p. 48) argumenta que o “passado conserva-se e, além de conservar-se atua no presente”. Por mais que Ana e María tentem esquecer, a lembrança é a sobrevivência deste passado como advoga a autora, de modo que passado e presente atuam juntos para estabelecer comparação, como faz María, ao expressar a saudade que sente de seus familiares: “*Eu gosto muito de Boa Vista, mas queria toda a família aqui*”.

A memória de ambas as entrevistadas se concretiza pela linguagem, é referenciada pela realidade, aludindo-se a tempos e espaços: “aqui” e “lá”, “antes” e “agora”. Falar de suas memórias é ver o entrelaçamento com as relações, as vivências, as lutas, os sonhos e os traumas. A memória não está pronta porque é uma construção permanente e dependente das percepções, das experiências, do vivido.

A memória é ativada por lembranças, por isso Bosi (1995, p. 46-47) expõe que a memória

[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

As memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, como será lembrado, identificando-se com os acontecimentos públicos de importância para o grupo (BURKE, 2000).

Pollak (1989) nos alerta sobre lembranças traumatizantes, como no caso destas mulheres venezuelanas: a fome, o sofrimento, a falta de medicamentos. Durante as entrevistas, essas lembranças foram marcadas por lágrimas e momentos de silêncio. Para o autor, o silêncio tem razões bastante complexas: políticas ou pessoais. Tanto os discursos como os silêncios são moldados “pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p. 6), estabelecendo assim, uma fronteira entre o dizível e o indizível.

Em relação à língua elas afirmam não saber português. No entanto, durante as atividades laborais percebemos o uso da língua portuguesa, mesmo que marcada pelo sotaque ou por “palavras em espanhol” no meio do discurso, revelando que há um esforço das duas famílias em manter a língua materna em casa, assim como em aprender o português para estabelecer relações e sobreviver no novo espaço.



Essas mulheres viram no processo de migração um projeto maior de vida e, até mesmo, uma forma de salvação de suas vidas e de suas famílias, o que as levou a atravessar a fronteira geográfica e a transpor muitas outras fronteiras. Trata-se, consoante Martins (2009, p. 11), da fronteira de “muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteiras de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*”. Isto porque, segundo o autor, a fronteira tem sido o lugar do sacrifício humano, do pranto, do nosso nascimento como povo e nação. Assim, a fronteira é, ao mesmo tempo, cenário de intolerância, ambição e morte, bem como sinal de esperança: tempo de redenção, justiça, alegria e fartura.

Ao contarem suas trajetórias de vida, marcadas pelo processo migratório, descrevem as fronteiras que tiveram e têm que respeitar, atravessar, contornar e transgredir. De fato, suas falas revelam o quanto foi preciso “rachar” as muralhas fronteiriças (MONTENEGRO, 2010). O modo de percepção dessas fronteiras está vinculado às trajetórias de vida, às experiências, ao vivido, ao que é dizível ou não. Abrem as fronteiras de si aos outros, mas no interior do lar as fronteiras se fecham nas tradições culturais que procuram manter.

Em linhas gerais, concordamos com Penna (1998, p. 108) para quem a migração

[...] acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária [...], no acesso a bens materiais e simbólicos. [...] Tais mudanças refletem-se, sem dúvida, sobre os processos relativos à identidade social. Faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência pessoal.

Dialogando com a citação anterior, trazemos Hall (2005), pois o autor argumenta que são as transformações da sociedade moderna que apresentam a migração como uma das consequências da globalização e que leva a uma “pluralização” de culturas. Ainda de acordo com o autor, a identidade do sujeito por ele denominado de pós-moderno é definida historicamente, sendo formada e transformada continuamente, visto que depende de como este sujeito é representado ou interpelado nos sistemas culturais que se encontra a sua volta. Assim, dentro de nós

[...] há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2005, p. 13).



Nesta perspectiva, nós nos atrevemos a dizer que as mulheres entrevistadas por nós além da identidade relacionada a sua nacionalidade e a outros aspectos edificados ao longo de suas vidas, estão construindo diariamente novas identidades que perpassam, se entrecruzam e se misturam com e pelo “ser roraimense”. Destarte, Ana e María, assim como os demais imigrantes, não pertencem a uma única cultura, mas habitam pelos menos dois mundos distintos (STEVENS, 2007).

Ana e María são sujeitos multifacetados (FREITAS, 2007) com vozes plurilíngues. Dependendo do contexto de comunicação, situacional ou interacional em que se encontram, bem como da forma como são representadas ou interpeladas, uma(s) ou outra(s) de suas identidades são evocadas ou uma(s) delas pode se fazer mais presente do que outra(s). Desta forma, salientamos que a “identidade não é apenas uma faceta do sujeito, mas uma faceta que muda a cada instante em que o sujeito efetivamente diz o que tem a dizer” (SOUZA, 1994, p. 13).

Há muitos casos de imigração venezuelana no espaço urbano de Boa Vista. São histórias que ainda desejamos ouvir e (re)construir a partir das memórias e do vivido, do passado e do presente, que ajudam a problematizar as questões linguísticas destas pessoas que na relação de fronteira articulam não somente as línguas, mas, principalmente, cultura, identidade, nacionalidade e muitos sentimentos. E agora, com a transferência de alguns destes imigrantes para outros estados⁵⁴, novas problematizações podem surgir e conduzir a diferentes pesquisas.

Considerações finais

Com as reflexões aqui realizadas, percebemos que as línguas não se limitam a espaços definidos geograficamente, visto que os movimentos migratórios permitem que se encontrem e se misturem. Durante as entrevistas, Ana e María começavam falando em português, mas logo o espanhol se fazia presente, principalmente quando as lembranças eram rememoradas.

Podemos apreender que, nas suas atividades do cotidiano, ambas as línguas se sobrepõem nas suas práticas comunicativas, pois cada uma tem sua função social e identitária (Hall, 1992) para seus usuários.

A migração venezuelana para Roraima constitui uma realidade nova e complexa, albergando problemáticas de diferentes ordens que, por hora, não vislumbram soluções, principalmente se não houver atuação conjunta de diferentes atores governamentais e sociais, bem como mais atitudes de

⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/aviao-da-fab-com-153-venezuelanos-sai-de-roraima-para-sao-paulo-e-cuiaba.ghtml>. Acesso em: 06 abr. 2018.



alteridade, tolerância e respeito com o outro.

Destarte, o estado revela-se um espaço fértil para o desenvolvimento de pesquisas de diferentes ordens. Como forma de provocação deixaram os seguintes questionamentos: quais políticas linguísticas estão sendo planejadas e implementadas? Ou não há nenhuma? Há políticas linguísticas implícitas, informais e não planejadas estabelecidas pela sociedade? Já que para Spolsky (2004, p.8) “language policy exists even where it has not been made explicit or established by authority. [...] so that the nature of their language policy must be derived from a study of their language practice or beliefs”. Estão ocorrendo fenômenos como bilinguismos, alternância de código, transferências e interferências linguísticas? Como acolher o aluno imigrante da Venezuela na escola? Como os imigrantes venezuelanos estão (ou não) aprendendo a língua portuguesa? Como lhes ensinar o idioma? Quais são suas necessidades comunicativas? Qual a receptividade dada à língua espanhola? Há ações de valorização e/ou discriminação em relação ao uso do espanhol? Essas e outras problematizações podem, devem e precisam ser pesquisadas. Convidamos, assim, os interessados a contribuir com as reflexões sobre a realidade roraimense.

Considerando que a linguagem é uma prática social, as histórias contadas pelas imigrantes Ana e María podem, inclusive, ser modificadas, considerando que contam e recontam as histórias que já foram vividas, contadas e ouvidas. Contar algo sobre nossa vida é uma forma de reconstruir o passado a partir do presente. Pollak (1992, p. 203) afirma que há uma seletividade de temas ou assuntos porque a “*memória é seletiva* (grifo do autor). Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Há, inclusive, o que não pode ser revelado.

Segundo Portelli (2005, p. 53), é “um grande desafio narrativo aquele que o estranho disposto a escutar carrega, pedindo a um outro para contar a sua vida, porque aquele nunca fez isso, não havia nunca ao menos colocado o problema e, então, contá-la significa ter surpresas”. No contexto desta pesquisa, estas surpresas são manifestadas por expressões em outra língua, gestos, silêncios, afirmações, negações etc. aspectos estes que captamos durante as entrevistas com Ana e María. Os escritos aqui apresentados remetem-nos a debates mais amplos sobre os processos de deslocamentos populacionais para Roraima, por isso as reflexões não se enceram nesta página. Muito há para ser debatido e proposto. Por hora fica o desafio de perceber a relação intrínseca entre *memória, oralidade e identidade* no contexto de imigração venezuelana em terras roraimenses.



Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. O homem; as viagens. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 35-37.
- BOSI, Eclea. Memória – sonho e memória – trabalho. In: BOSI, Eclea *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 4. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 43-70.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. *Variedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.
- Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). Ministério da Justiça. *Refúgio em Números – 3ª edição*. Brasília, 2018. 30 p. Disponível em: http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.
- FERRARI, Anderson; MARQUES Luciana Pacheco. Silêncios e Educação. In: FERRARI Anderson; MARQUES Luciana Pacheco (Orgs.). *Silêncios e Educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 9-26.
- FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 25-2, p. 92-112, 2007.
- HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. In: Hall, Stuart; Held, David.; McGrew, Tony. *Modernity and Its Futures*. Cambridge: Politic Press/Open University, 1992. p. 273-326.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IANNI, Otávio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Otávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. *Amazônia, o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1988*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do mundo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MIRAR. Real Academia Española – Diccionario de la lengua española (Edición del Tricentenario, Actualización 2017). Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=PMSRG3d>. Acesso em: 04 abr. 2018.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. Rachar as palavras: uma história a contrapelo. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NUNAN, David. *Research Methods in Language Learning*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 1998. p. 89-112.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.
- PORTELLI, Alessandro. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: WHITAKER, Dulce C. A.; VELÔSO, Thelma M. *Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória*. Campina Grande, PB: EDUEP, 2005. p. 43-54.
- RODRIGUES, Francilene. Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos avançados* (SciELO) – dossiê



migração, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 197-207, maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200015&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 mar. 2018.

ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Org.). *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013. p. 37-46.

SAVEDRA, Monica Maria Guimarães; PEREZ, Gabriel Mendes Hernandez. Plurilinguismo: práticas linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Plurilinguismo na educação e na sociedade*, Rio Grande do Sul, v. 32, n. 62, p. 1-16, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/70594/42123>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SILVA, Célia Nunes; MELO, Maria das Graças Pedrosa Lacerda de; ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. *Nômades contemporâneos: famílias expatriadas e um mosaico de narrativas*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Otávio. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.

SPOLSKY, Bernard. *Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Imagi-Nações. Literatura e Identidades Migrantes. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007. p. 17-41.

TRIM, J. L. M., et al. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Asa, 2001.

Submissão: maio de 2018

Aceite: novembro de 2019